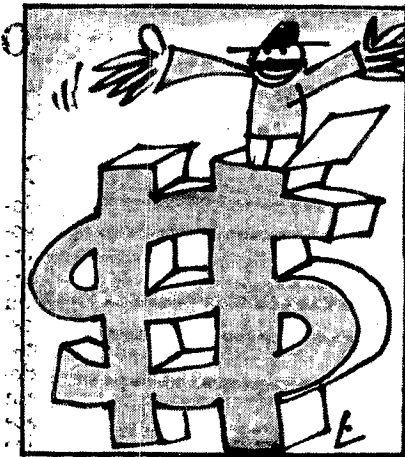


Acordo com bancos só sai no 2º semestre



São Paulo — O acordo da dívida externa do Brasil com os bancos credores privados, apesar das expectativas em contrário, só deverá ser fechado no segundo semestre, a partir de setembro, mês que encerra o exercício fiscal americano. A protelação do prazo para a assinatura do acordo da dívida, inicialmente previsto para ocorrer nesse mês, é resultado da assinatura do contrato de renegociação entre a Argentina e os bancos credores, terça-feira, segundo explicou ontem Edward Garlich, diretor do Washington Research Group, departamento de análises econômicas do Credit Lyonnais Securities, banco de investimento americano

controlado pelo Credit Lyonnais, uma das principais instituições financeiras francesas.

“O acordo só vai sair no segundo semestre”, afirmou Garlich. “Os bancos credores não têm capacidade patrimonial para arcar com dois descontos no mesmo exercício”. É que o acordo da Argentina com os bancos credores prevê um desconto de 35% sobre o valor original da dívida daquele país, com os demais 65% da dívida sendo convertidos em outros títulos. O Brasil também deverá receber o mesmo tratamento, ou seja, ganhar dos credores um percentual de descontos sobre o total da dívida. “Os cre-

dores não têm capacidade para suportar isso nesse mesmo exercício fiscal”, acrescentou ele. Conceder desconto significaria lançar para prejuízo essa parcela na coluna de ativos dos bancos credores. E a capacidade dos bancos em realizar esse lançamento teria ficado mais restrita.

Análise

Garlich está no Brasil para realizar visitas a clientes do Banco Francês e Brasileiro (BFB), subsidiária do Credit Lyonnais, com o objetivo de prospectar oportunidades de novos negócios. Segundo ele, especialista em analisar as economias dos mercados emergentes, os

Estados Unidos estão dedicados a implantar uma economia globalizada e integrada em todo o continente americano. E todos os países terão acesso a essa integração, desde que consigam criar economias estáveis. México, Chile e Argentina estão um passo à frente do Brasil nesse processo, segundo Garlich, e poderão receber tratamento prioritário por parte do governo americano. Mas, lembrou ele, o Brasil avançou bastante e seu programa econômico já começa a conquistar a credibilidade da comunidade americana.

“O interesse em investir no Brasil por parte de investidores institucionais é de investimento, é

claro”, afirmou Garlich. Os investidores, segundo ele, estão apenas aguardando uma tendência firme do programa de estabilização do Brasil, além de esperar por uma maior abertura da economia e também mais agressividade no programa de privatização. “O programa brasileiro poderia ser mais convincente, como ocorre no México e na Argentina”, analisou Garlich. Apesar desses pontos de aperfeiçoamento necessários ao programa brasileiro, na visão do capital estrangeiro, o futuro pertence aos países da América Latina: “O futuro dos investimentos americanos está na América do Sul”, previu ele.